

Gramática de Construções em bom português

Construction Grammar in plain Portuguese

Luana Lopes Amaral¹

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais Brasil*

Júlia Maria das Dores Duarte²

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais Brasil*

Resenha de PINHEIRO, D. *Curso básico de gramática de construções*. São Paulo: Contexto, 2025.

A Gramática de Construções (daqui em diante GC) é um modelo teórico que busca capturar a representação do conhecimento linguístico do falante em termos de um inventário de esquemas ou padrões, as construções gramaticais. O modelo parte da hipótese principal de que o conhecimento linguístico de um falante se compõe de uma rede interligada e organizada de construções, que são estruturas linguísticas simbólicas, compostas de forma e significado - desde palavras até esquemas sintáticos altamente complexos e abstratos. A GC se origina na década de 80, na Costa Oeste dos Estados Unidos, na Universidade da Califórnia, e se consolida na década de noventa, com a importante publicação de *Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure* (Goldberg, 1995), uma das obras celebradas neste dossiê pelo aniversário de 30 anos de sua publicação.

Acompanhando a argumentação de Pinheiro e Ferrari (2020), afirmamos também que a GC surge em oposição ao modelo gerativista de Chomsky. Neste modelo de gramática, a língua é estruturada a partir da centralidade da sintaxe, da modularidade da mente e da língua, da derivação de sentenças a partir da combinação de itens de um léxico por regras sintáticas, da natureza interpretativista da semântica, e da autonomia da língua em relação ao seu contexto externo e ao mesmo tempo a autonomia da sintaxe em relação à semântica. A GC, diferentemente, é um modelo não derivacional de representação do conhecimento linguístico. Nessa abordagem, o conhecimento linguístico de um falante se

¹ Professora da Faculdade de Letras da UFMG. É doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG (2015) e realizou estágio pós-doutoral em Linguística na Universidade do Novo México, nos Estados Unidos (2022). Seu principal interesse de pesquisa é a análise de construções do português, do léxico ao texto, numa abordagem cognitiva e construcional da linguagem. E-mail: luanalopes@ufmg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4290-1208>

² É doutoranda, mestra e bacharela em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: julia-duarte@ufmg.br.

compõe de uma rede estruturada de construções, que combinam informações de forma e função. Assim, cada construção possui informações fonológicas, morfossintáticas e semântico-pragmático-discursivas. Nenhum “componente” é autônomo.

Apesar disso, a GC é um modelo de gramática que transcende a divisão formalismo *versus* funcionalismo/cognitivismo. O modelo de gramática proposto pela GC não implica necessariamente em uma teoria de língua que seja cognitiva ou funcionalista. Há propostas teóricas para o modelo, como a Gramática de Construções de Berkeley (Kay; Fillmore, 1999) e a Gramática de Construções Baseada no Signo (Michaelis, 2009), que são consideradas mais formais, e não se comprometem inteiramente com os princípios da Linguística Funcionalista ou da Linguística Cognitiva.

Porém, pela grande convergência entre pressupostos das três perspectivas (construcionista, funcionalista e cognitivista), modelos construcionistas cognitivo-funcionais são os mais comuns e os mais utilizados: alguns exemplos são a Gramática de Construções Cognitiva (representada no importante trabalho de Goldberg, 1995, já mencionado, e em seus desdobramentos em obras como Goldberg, 2006, 2019), a Gramática de Construções Radical (Croft, 2001, 2022), a Gramática Cognitiva (Langacker, 1987, 1991), a Gramática de Construções Diacrônica (Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2024), o Modelo Léxico-Construcional (Ruiz de Mendoza, 2013), a Gramática de Construções Multimodal (Zima, 2025), além de outros desdobramentos.

A perspectiva que une essas abordagens cognitivo-funcionais é conhecida também como Gramática de Construções Baseada no Uso (daqui em diante GCBU). Essas teorias assumem a centralidade do significado (semântico-cognitivo, pragmático e discursivo) e a importância da cognição, do uso e do contexto. Boas, Leino e Lyngfelt (2024) afirmam que linguistas construcionistas tendem a adotar uma perspectiva cognitivo-funcional, considerando tanto fatores cognitivos quanto o contexto social na análise linguística. Segundo os autores, toda pesquisa feita em GC é em alguma medida baseada no uso e a grande maioria dos pesquisadores construcionistas simpatiza com essa perspectiva de análise, sendo que há uma diferença no grau de comprometimento ou na orientação de seus trabalhos, mas não uma diferença de opinião em relação a isso.

Nesses últimos 30 anos, desde a publicação de Goldberg (1995), a GC se popularizou e é atualmente um dos principais modelos teóricos para o estudo da Sintaxe, além de ter se expandido também para outros níveis de análise. A morfologia é integrada com a célebre citação de Goldberg (2006, p. 18): “it’s constructions all the way down”, e até mesmo textos e gêneros são abordados pelo modelo, com a expansão dessa citação por Hoffmann e Bergs (2024, p. 255): “but also up: Constructions all the way!”. O modelo também abarca estudos da variação e da mudança linguística e da aquisição de língua.

Hoffmann (2017, p. 329) destaca que nos últimos trinta anos a noção de “construção” deu origem a um robusto empreendimento de pesquisa linguística. Para o autor, o modelo da GC se consolidou como uma abordagem explicativa bem sucedida, sendo corroborado por estudos psico e neurolinguísticos. Porém, para ele, considerando o sucesso do modelo,

é de algum modo surpreendente que até hoje existam poucos manuais de Gramática de Construções. Há numerosos artigos, trabalhos monográficos e volumes editados, e até mesmo duas revistas especificamente dedicadas à pesquisa construcionista [...]. Ainda, assim, até então, apenas um *handbook* e dois livros didáticos foram publicados.³ (Hoffmann, 2017, p. 329, tradução nossa)

De 2017, ano da afirmação de Hoffmann, para cá, pouco mudou. Mais recentemente, alguns manuais importantes foram publicados no exterior, como o de Croft (2022) e o do próprio Hoffmann (2022), e mais um *handbook*, organizado por Fried e Nikiforidou (2025). Mas, são ainda insuficientes, dada a amplitude da proposta construcionista. Além da escassez de materiais de referência e introdutórios, a teoria, de origem americana, prevalece naturalmente em manuais que tomam por língua objeto o inglês, mesmo que alguns deles tenham sido publicados na Europa. A exceção é a obra de Croft (2022), numa perspectiva tipológica, mas ainda escrito em inglês e que apresenta uma teoria específica de GC, não sendo acessível para iniciantes brasileiros, por exemplo.

No Brasil, o cenário não é muito diferente. Com sua consolidação e consequente dispersão geográfica, o modelo da GC não demorou muito a chegar no país, onde ganhou muitos adeptos, de Norte a Sul. Ainda na década de 90 já víamos as primeiras publicações sobre o tema por aqui, a exemplo do trabalho de Margarida Salomão (Salomão, 1999). Dos trabalhos iniciais de Salomão até a década de 2020, inúmeros artigos foram publicados e também inúmeras teses e dissertações foram defendidas sobre o assunto (tantos que é impossível mencionar aqui). Alguns importantes livros editados foram também publicados, como Miranda e Salomão (2009), além de números temáticos de periódicos; para citar apenas alguns: os números 14 e 18, da *Revista Linguística* (UFRJ), publicados em 2018 e 2022, respectivamente, o número 25, da *Revista Gragoatá* (UFF), de 2020, e o número 45 do periódico *Solettras* (UERJ), de 2023. Sediamos, inclusive, a nona edição da Conferência Internacional de Gramática de Construções, em 2016 na UFJF (que deu origem ao volume Torrent; Matos; Sigiliano, 2020). Mas, apesar dessa grande popularidade do modelo no Brasil, nenhum manual, original ou tradução, havia sido publicado no país.

Nesse contexto, o livro *Curso Básico de Gramática de Construções*, publicado pela Editora Contexto em junho deste ano, chega para preencher essa lacuna nos estudos construcionistas, especialmente os brasileiros. No ano em que celebramos tantas obras marcantes para a Linguística e, de forma especial, os 30 anos de Goldberg (1995), comemoramos também a publicação do primeiro manual de GC em solo brasileiro. Diogo

³ Do original: “it is somewhat surprising that so far only a handful of authoritative summaries of Construction Grammars exist. There are numerous research articles, monographs and edited volumes and even two journals specifically dedicated to constructionist research [...]. Yet, so far only one handbook [...] and two textbooks have been published [...]” (Hoffmann, 2017, p. 329).

Pinheiro, autor e coautor de muitos textos já reconhecidos pela sua relevância para a abordagem construcionista no Brasil, aceita o desafio de ser o primeiro linguista a publicar uma obra desse porte.

O professor fez mestrado em Língua Portuguesa e doutorado em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de pós-doutorado em Linguística na Universidade de Lancaster, na Inglaterra. É Professor Associado da UFRJ e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística, atuando como um dos líderes do Grupo LinC (Laboratório de Linguística Cognitiva) e como editor-chefe do periódico *Entrepalavras*, revista de Linguística da Universidade Federal do Ceará. Além de autor do *Curso Básico de Gramática de Construções* (2025), Pinheiro é coeditor das obras *Elementos de Gramática Cognitiva* (Editora Perin, 2025) e *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português* (Editora Publit, 2010). Sua atuação se insere nos campos da GC e da Linguística Cognitiva, com ênfase em abordagens quantitativas, tanto experimentais quanto baseadas em *corpus*, que exploram a relação entre gramática, cognição e intersubjetividade. Destacam-se, entre suas contribuições, os estudos sobre construções idiomáticas e expressões da fala cotidiana, como *[Que mané X]*, *[Que X o quê]*, *[Que X que nada]*, *“Aí vem eu doidão”*, *Isso é muito bom para ser verdade*, *Não caber em si* e *Ficar sem pinga de sangue*.

O *Curso Básico de Gramática de Construções*, com 202 páginas, é dividido em duas partes, cada uma com cinco capítulos. Antes da primeira parte, há a Apresentação e um importante Preâmbulo, que explica muito didaticamente o que significa um modelo científico (explicação que, diga-se de passagem, é útil para o entendimento de qualquer modelo teórico da Linguística). No final da segunda parte, há Glossário, Notas, Referências e informações sobre o autor. O Glossário é o ponto alto desta parte final do livro. É um recurso de acesso rápido aos termos técnicos, com uma lista de conceitos importantes e suas definições, em sua grande maioria em bom português, com traduções bem elaboradas de termos pouco vistos na nossa língua (como *enraizamento para entrenchment*).

Na primeira parte do livro, Pinheiro apresenta os principais pressupostos do que chama de “Gramática de Construções pura”. Trata-se de pontos que formam a base do modelo e que são compartilhados por todas as diferentes abordagens teóricas que se denominam “Gramática de Construções”, sem tomar um partido na distinção entre formalismo e funcionalismo/cognitivismo. O primeiro capítulo desta parte é dedicado a uma “Visão geral da Gramática de Construções”. Nesse capítulo, são apresentados os três princípios teóricos fundamentais do modelo: um princípio que o autor caracteriza como ontológico: “o conhecimento linguístico é um inventário de construções gramaticais”, um princípio caracterizado como organizacional: “as construções gramaticais se organizam em rede” e, por último, um princípio de funcionamento: “as construções gramaticais podem ser combinadas entre si” (p. 25).

Os três capítulos que seguem destrinçam, respectivamente, cada um desses princípios. Cheios de ilustrações e exemplos do português, esses capítulos abordam o conceito de construção, a forma e a função das construções, as relações hierárquicas entre construções na rede e a integração entre construções, com destaque para o processo de

preenchimento de *slots* de esquemas mais abstratos. A parte I se encerra com o quinto capítulo, que discute as tensões entre formalismo e funcionalismo no âmbito da GC. O capítulo apresenta diferentes teorias construcionistas e agrupa aquelas formalistas em oposição às que compõem o grande paradigma da GCBU.

Como já mencionamos, a maioria das teorias de GC adota uma perspectiva cognitivo-funcional, Baseada no Uso, alinhada aos princípios da Linguística Funcionalista e da Linguística Cognitiva. O conjunto dessas teorias ficou conhecido como “Gramática de Construções Baseada no Uso”. A segunda parte do *Curso* se volta justamente para essa perspectiva e se organiza a partir dos principais pressupostos da GCBU. De forma simétrica à parte I, a parte II se inicia com uma “Visão geral da Gramática de Construções Baseada no Uso”. Nesse capítulo os três princípios básicos da GC pura são retomados em forma de um único princípio: “o conhecimento linguístico tem a forma de um inventário de construções gramaticais que se organizam em rede e podem ser combinadas entre si” (p. 122). Além desse princípio, igual para todas as abordagens teóricas da GC, a GCBU também assume que “o conhecimento linguístico é permanentemente moldado pela experiência linguística do falante” (p. 122) e que “as propriedades do conhecimento linguístico são determinadas pelos princípios de funcionamento da cognição não linguística” (p. 125). O segundo princípio compromete a GCBU com a Linguística Funcionalista, que assume que “a gramática constitui um conjunto de regularidades convencionalizadas pelo uso linguístico em situações discursivas variadas” (Pinheiro; Ferrari, 2020, p. 598), em oposição à ideia de autonomia do gerativismo. Já o terceiro princípio compromete a GCBU com a Linguística Cognitiva, que assume que “a cognição linguística é contínua aos demais sistemas cognitivos; portanto, a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo” (Salomão, 2009a, p. 22), em oposição à modularidade gerativista.

Após a visão geral, os capítulos seguintes detalham aspectos fundamentais do modelo da GCBU. O segundo capítulo, de central importância na parte II, detalha a estruturação do *constructicon*, a rede de construções que compõe o conhecimento linguístico de um falante (em analogia ao *lexicon* de modelos não construcionais). As formas de ligação entre construções (simbólicas, sequenciais, horizontais e verticais) são detalhadas e amplamente exemplificadas com dados do português. O terceiro capítulo destrincha o segundo princípio da GCBU: “o conhecimento linguístico é permanentemente moldado pela experiência linguística do falante”. Destaque é dado para os diferentes tipos de frequência de uso que moldam o conhecimento linguístico do falante. O quarto capítulo desenvolve a ideia de que “as propriedades do conhecimento linguístico são determinadas pelos princípios de funcionamento da cognição não linguística”. São apresentados os mecanismos cognitivos de analogia, esquematização e *chunking*, primeiro a partir de cenários não linguísticos e depois mostrando como esses processos cognitivos gerais atuam na estruturação do *constructicon*. Por fim, o último capítulo da parte II se debruça sobre a representação da variação linguística nesse modelo. A variação e a mudança linguística já possuem um amplo tratamento do ponto de vista da GCBU (Cepelle, 2006; Machado Vieira; Wiedemer, 2020). Assim, no *Curso*, Pinheiro argumenta sobre a adequação do modelo para a representação da variação linguística e

apresenta formas de representação da variação nos níveis fonológico, morfológico e sintático.

A obra segue, portanto, nas duas partes, um percurso do geral para o específico: no capítulo inicial de cada parte são apresentadas visões gerais e pressupostos básicos; nos capítulos seguintes cada pressuposto é abordado com maior profundidade. Essa lógica, também usada na transição da parte I, mais geral, para a parte II, mais específica, caracteriza a obra como um verdadeiro curso básico, coerentemente construído de forma a consolidar conhecimentos adquiridos de forma cumulativa. Além disso, o caráter didático da obra é reforçado pela ampla utilização de ilustrações e exemplos do português, além da “síntese do capítulo”, um resumo em forma de lista de itens principais que é apresentado ao final de cada capítulo.

Apesar de a GC se originar em oposição à Gramática Gerativa, como apontamos, hoje ela é uma abordagem consolidada, que não precisa justificar sua existência em comparação com o gerativismo. No *Curso*, Pinheiro demonstra isso ao apresentar o modelo por si mesmo, com algumas comparações pontuais com a Gramática Gerativa, mas não justificando a sua existência a partir de sua posição original de contraproposta. Essa forma de apresentação da GC reforça seu estatuto de modelo teórico maduro e autossuficiente, podendo ser também uma nova maneira de introduzir estudantes à ciência Linguística. Apesar da expansão do modelo construcionista para além da Califórnia e para além da Sintaxe, a perspectiva gerativista continuou e continua sendo a principal porta de entrada para a Linguística, refletida na “modularidade” dos currículos de graduação em Letras e também em manuais didáticos aqui no Brasil (a exemplo do clássico Mioto; Silva; Lopes, 2023; e do *Curso Básico de Linguística Gerativa* de Kenedy, 2013, que inspirou o título do *Curso Básico de Gramática de Construções*). Nas disciplinas dos cursos de graduação em Letras, observa-se que a GC, assim como outras abordagens cognitivo-funcionais, raramente é incluída como componente obrigatório, sendo, em geral, oferecida apenas como optativa. Até mesmo a disciplina de Sintaxe, consolidada nas grades curriculares dos cursos de Letras no Brasil, costuma privilegiar o modelo gerativista.

O estudo de várias vertentes teóricas é relevante e importante, mas não de forma a se adotar uma delas como a “básica” para que outras sejam construídas a partir daí, como tem sido feito. Para a leitura e plena compreensão do *Curso básico de Gramática de Construções*, não é pressuposto nenhum conhecimento de Linguística Gerativa, ou formal de forma mais ampla, o que evidencia que tais abordagens formais não necessariamente precisam ser consideradas a “base” dos estudos iniciais em Linguística. O livro, assim, apresenta uma nova forma de introduzir os estudantes de graduação à ciência Linguística. Inclusive, a obra se torna essencial para uma formação completa e abrangente, mesmo para os estudantes que se formarão como pesquisadores gerativistas, uma vez que a teoria construcional constitui um contraponto a esta perspectiva e compreender o contraponto é igualmente fundamental para uma formação teórica mais ampla e crítica.

O *Curso* é extremamente didático, sem deixar de lado o rigor teórico e a completude, abordando todos os conceitos e fenômenos que se esperam encontrar em um manual desse tipo. É um importante ponto inicial para partir para leituras mais complexas, como artigos na área e mesmo manuais já publicados no exterior, que nem sempre são acessíveis

para iniciantes. O autor apresenta ótimos exemplos com analogias e comparações, sobretudo de outras áreas do conhecimento, digamos, “mais populares” (como a Química). Isso, de alguma forma, insere, efetivamente, a Linguística no campo das ciências (uma questão frequentemente levantada, principalmente para ingressantes na graduação). Usando uma linguagem simples e dialogada, muitas ilustrações, esquemas e exemplos em português, Pinheiro “pega o leitor pela mão”, nas palavras do próprio autor, e não só explica, como mostra o que é GC. Pinker (2016, p. 40) já dizia que bons escritores não apenas escrevem como quem tem alguma coisa importante para dizer; “escrevem como quem tem alguma coisa importante para mostrar”. Por seu caráter didático, o livro traz poucas citações, muitas delas em nota. Esse estilo favorece uma leitura fluida e mais dialógica.

A publicação de *Curso básico de gramática de construções*, livro que já nasceu como um clássico, consolida e reafirma a força da abordagem construcionista no Brasil. A GC já não é uma novidade, como era em Goldberg (1995), trinta anos atrás, mas é proposta robusta e bem corroborada, devendo ser apresentada como tal para os estudantes do nosso país. Assim, a obra se mostra relevante no contexto da formação inicial, sobretudo em nível de graduação. Mas também apresenta contribuição notável e de grande relevância para a pós-graduação, pelos mesmos motivos supracitados e considerando particularmente que muitos estudantes que fazem pesquisa em GC na pós nunca tiveram contato com a abordagem na graduação. Chega, então, para cobrir uma grande lacuna, a ausência de materiais introdutórios sobre GC, especialmente em português e sobre o português. E chega em um momento oportuno, de grande expansão do modelo, tanto em termos de quantidade de pesquisadores Brasil a fora, quanto em tipos variados de fenômenos que são explorados. Hoffmann e Bergs (2024) afirmam que estamos caminhando para a consolidação de uma teoria construcional da linguagem, que aborda e explica fenômenos linguísticos desde os morfemas até a composição dos gêneros textuais. No texto de 2017, já citado aqui, Hoffmann reafirma o futuro promissor do modelo. Para o autor,

é importante destacar o sucesso empírico, descritivo e explicativo que modelos de Gramática de Construções já alcançaram como teorias cognitivas da linguagem e o futuro da pesquisa construcionista vai sem dúvidas contribuir para um maior aprofundamento no entendimento da linguagem humana e da mente.⁴ (Hoffmann, 2017, p. 329, tradução nossa)

Certamente uma obra de referência sobre GC publicada no Brasil será fundamental para que pesquisadores brasileiros sejam cada vez mais protagonistas nesse grande empreendimento de pesquisa, como citado por Hoffmann. Como Feltes e Vanin (2012) apontam, a publicação de resultados de pesquisa por brasileiros e sobre nossas línguas é

⁴ Do original: “Despite these controversies, however, it is important to point out again the empirical descriptive and explanatory success that Construction Grammars have already had as cognitive theories of language and that future constructionist research will undoubtedly contribute to a deeper understanding of human language and the mind.” (Hoffmann, 2017, p. 329).

condição para sermos mais falantes e menos ouvintes nas comunidades científicas de que fazemos parte.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L.; FERREIRA, R.G.; PINHEIRO, D.; SOUZA, J. L.; GONÇALVES, C. A. V. (Orgs.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.
- BOAS, H.; LEINO, H.; LYNDFELT, B. Constructionist views on Construction Grammar. *Constructions and Frames*, v. 16, n. 2, p. 169-190, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1075/cf.24005.boa>.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*, Special Volume 1, p. 1–28, 2006. DOI: <https://doi.org/10.24338/cons-381>.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, W. *Morphosyntax: constructions of the World’s Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- FELTES, H. P. de M.; VANIN, A. A. Resenha de MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. 389 p. *DELTA*, v. 28, n. 1, 2014, p. 161-170. DOI: <https://doi.org/10.1590/delta.v28i1.5712>.
- FRIED, M.; NIKIFORIDOU, K. *The Cambridge Handbook of Construction Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

- HILPERT, M. Corpus linguistics meets historical linguistics and construction grammar: how far have we come, and where do we go from here? *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, v. 20, n. 3, p. 481-504, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1515/cllt-2024-0009>.
- HOFFMANN, T. Construction Grammars. Em: DANCYGIER, B, (Org.) *The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 310-329.
- HOFFMANN, T. *Construction grammar: the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- HOFFMANN, T.; BERGS, A. Constructions all the way! Text types as constructions. Em: TACKE, F.; HENNEMANN, A. (Orgs.), *Konstruktionen, Kontexte, Gattungen: Constructions, Contexts, Genres*. Bonn: Bonn University Press, 2024. p. 255-277.
- KENEDY, E. *Curso básico de Linguística Gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol 1, Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol 2, Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LIMA, C.; PINHEIRO, D. (Orgs.). *Elementos de Gramática Cognitiva*. Juazeiro do Norte: Editora Perin, 2025.
- MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. Em: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Orgs.), *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020. p. 265-304 .
- MICHAELIS, L. A. Sign-based construction grammar. Em: HEINE, B.; NARROG, H. (Orgs.), *The Oxford handbook of linguistic analysis*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 155-176.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. *Novo manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2023.
- MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do português brasileiro: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. *Language*, v. 75, n. 1, p. 1-33, 1999. DOI: <https://dx.doi.org/10.1353/lan.1999.0033>.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Linguística*, v. 16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492>

PINKER, S. *Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. São Paulo: Contexto, 2016. Tradução de Rodolfo Ilari.

RUIZ DE MENDOZA, J. Meaning construction, meaning interpretation and formal expression in the Lexical Constructional Model. Em: NOLAN, B.; DIEDRICHSEN, E. (Orgs.), *Linking Constructions into Functional Linguistics: the role of constructions in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 231–270.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, v. 4, n.1, p. 61-79, 1999.

SALOMÃO, M. M. M. Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitiva. Em: MIRANDA, N. S; SALOMÃO, M. M. M. (Orgs.), *Construções do português brasileiro: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009a. p. 20-32.

SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. Em: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do português brasileiro: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b. p. 33–74.

TORRENT, T. T.; MATOS, E. E. S.; SIGILIANO, N. S. *Construction Grammar across borders*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2020.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ZIMA, E. *Multimodal Construction Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

Recebido em: 31/10/2025

Aprovado em: 21/12/2025

Publicado em: 08/01/2026